

revista

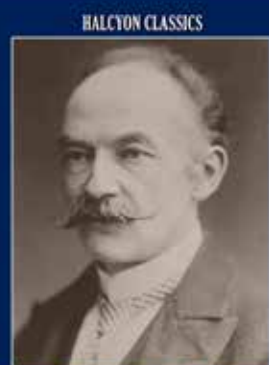
ILUMINART

IFSP

REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA • ANO V • Nº 10 • IFSP - CAMPUS SERTÃOZINHO • JUNHO / 2013



ELEIÇÕES
IFSP 2012



HALCYON CLASSICS

THOMAS HARDY
TESS OF THE
D'URBERVILLES



- Marcas e trajetórias da Educação profissional no Brasil
Parte 1: Primeiros quatrocentos anos de história do Brasil (1500 a 1900)
- Marcas e trajetórias da Educação profissional no Brasil
Parte 2: Das escolas de aprendizes artífices à Reforma Capanema
- Marcas e trajetórias da Educação profissional no Brasil
Parte 3: Dos anos 60 ao surgimento dos Institutos Federais
- A importância do trabalho de campo nas séries iniciais do ensino fundamental: "Fios e desafios no ensino da Cartografia Escolar"
- Avaliação diagnóstica inicial em turmas do Proeja - FIC: contribuições para uma aprendizagem significativa
- De Wessex para o mundo: a universalidade de *Tess of The D'urbervilles*
- Um estudo do espaço, identidade e do narrador em *O Sol se Põe em São Paulo*, de Bernardo Carvalho
- O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo: a importância da ciência, tecnologia e sociedade para o ensino
- Compreendendo a relação mãe e filha em uma experiência em Psicodiagnóstico Interventivo Infantil
- A Sociedade Digital e a Gestão da Educação Pública: o papel da coordenação pedagógica na escola
- *Lean Seis Sigma* (LSS): a implantação do LSS como resultado da aprendizagem e experiência através de um laboratório de aprendizagem (LA)
- Utilização de *software* livre *Blender* como ferramenta para a construção de material didático facilitador do processo de ensino e aprendizagem em química
- *Minimal cycles, neutral and non-neutral vertices in tournaments*
- Resenha: O Folhetim televisivo: a adaptação de *Incidente em Antares* para a televisão
- Relato de caso: Eleições para reitor e diretores gerais de *campi* do IFSP 2012 - Relatório da Comissão Eleitoral Central - CEC



O SOL SE
PÕE EM
SÃO PAULO
BERNARDO CARVALHO



CORPO EDITORIAL

Editor-chefe

Altamiro Xavier de Souza - IFSP

Editor substituto

Weslei Roberto Cândido - UEM

Conselho Editorial

Altamir Botoso – UNIMAR *
Ana Cristina Troncoso – UFF *
Andréia Ianuskiewtz – IFSP *
Anne Camila Knoll Domenici – IFSP
Antonio Sergio da Silva – UEG *
Antonio Sousa Santos – UFVJM *
Carlos Alexandre Terra – IFSP *
Gabriel Roberto Martins – IFSP
Janete Werle de Camargo Liberatori – IFSP *
José Carlos de Souza Kihl – FATEC *
Mauro Nicola Póvoas – FURG *
Plínio Alexandre dos Santos Caetano – IFSP
Reinaldo Tronto – IFSP *
Rodrigo Silva González – UFV *
Whisner Fraga Mamede – IFSP *

Conselho Consultivo

Alexandre do Nascimento Souza – USP
Alexandre Henrique de Martini – IFSP
Álvaro José Camargo Vieira – PUC-SP / FIT
Amadeu Moura Bego – IFSP
Amanda Leal Oliveira – USP
Amanda Ribeiro Vieira – IFSP
Ângela Vilma Santos Bispo – UFRB
Araci Molnar Alonso – USP/EMBRAPA DF
Cintia Almeida da Silva Santos – IFSP
Cristiane Cinat – UNESP
Denise Paranhos Ruys – IFSP

Eduardo André Mossin - IFSP
Eliana de Oliveira – FACFITO
Emanuel Carlos Rodrigues – IFSP
Eulália Nazaré Cardoso Machado – IFSP
Josilda Maria Belther – IFSP
Kjeld Aagaard Jakobsen – USP
Leandro Dias de Oliveira – UFRRJ
Luciana Brito – UENP / UEL
Luiz Carlos Leal Júnior – IFSP
Magno Alves de Oliveira – IFB
Marina P. A. Mello – FACFITO / UNICAIEIRAS
Marsele Machado Isidoro – IFSP
Nadja Maria Gomes Murta – UFVJM / PUC-SP
Pedro Cattapan – UFF
Pierre Gonçalves de Oliveira Filho – FAMEC
Ricardo Castro de Oliveira – UFSCAR
Rita de Cássia Bianchi – UNESP
Ronaldo de Oliveira Rodrigues – UFPA
Rosana Cambraia – UFVJM
Tânia Regina Montanha Toledo Scorparo – UENP
Vágner Rodrigues de Bessa – UFV
Wellington Luiz Alves Aranha – UNESP

Monitoria

Gabriel Roberto Martins – IFSP

Designer Gráfico

Nildo Xavier de Souza

Diretor Geral do IFSP - Campus Sertãozinho

Lacyr João Sverzut

Reitor do IFSP

Eduardo Antonio Modena

* Membros do Conselho Editorial que participam do Conselho Consultivo também.



REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA
ISSN 1984-8625
Fundada em 2008
Períodicidade Semestral

<http://www.cefetsp.br/edu/sertaozinho/revista/iluminart.html>

 revistailuminart@ifsp.edu.br / revista.iluminart@gmail.com

 <https://www.facebook.com/iluminart.iluminart>

www.ifsp.edu.br/sertaozinho
Rua Américo Ambrósio, 269 - Jd. Canaã
Sertãozinho - SP - Brasil - Cep: 14169-263
Tel.: +55 (16) 3946-1170

Copyright © Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Campus Sertãozinho

Para publicação, requer-se que os manuscritos submetidos a esta revista não tenham sido publicados anteriormente e não sejam submetidos ou publicados simultaneamente em outro periódico. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida sem permissão por escrito da detentora do copyright. O conteúdo dos artigos são de responsabilidade, única e exclusiva, dos respectivos autores.

PALAVRAS DO EDITOR

Chegamos ao 10º número!

E, o mais importante, chegamos fortes, com disposição de elevarmos o padrão da **Illuminart**. Transformá-la cada vez mais em um farol, um canal de comunicação entre o IFSP e a comunidade acadêmica de um modo geral; pois através de pesquisas transformadas em artigos conseguimos aprender sobre o que se produz interna e externamente à Instituição. São artigos recebidos de todas as regiões do Brasil, com diversidade de temas, assuntos e estilos de escrita.

Internamente, o IFSP passa por um período de transição. O processo de escolha do novo reitor – o primeiro eleito pelos seus pares (o reitor anterior foi eleito ainda como Diretor Geral e transformado em *pro-tempore* pelo Ministro da Educação) – foi desgastante para toda comunidade, evidenciando a falta de maturidade política de seus membros, quer sejam candidatos, simpatizantes, eleitores quer sejam organizadores do processo eleitoral. Cada segmento em seu papel mostrou o quanto estamos longe de sermos uma democracia participativa madura e saudável.

Toda esta experiência, na visão da Comissão Eleitoral Central – CEC – está registrada em seu relatório final sobre o que aconteceu em 2012. O Conselho Editorial da **Illuminart** resolveu publicar este relatório na sua íntegra, com o objetivo de fazer um registro histórico através do olhar do órgão oficial escolhido para conduzir este complexo processo eleitoral. Além de escolher o reitor em 26 *campi* espalhados pelo estado, a CEC ficou responsável em conduzir a eleição de sete diretores gerais de *campi*. Como outras versões sobre os fatos podem ser apresentadas, foi escolhido o relatório aprovado pelo Conselho Superior do IFSP.

No momento em que escrevo estas palavras, no Brasil estão ocorrendo diversas manifestações que começaram devido ao aumento da passagem de transporte público urbano. Este motivo, sem dúvida, é a “gota d’água” que faltava em um mar de insatisfações com nosso sistema político – no qual os “nossos” representantes não nos representam e os poderes constituídos cada vez mais se distanciam dos anseios e necessidades da população. Vivemos a falta de um serviço público com qualidade em todos os setores – menos na cobrança de impostos – e a sensação de impunidade aos erros e desvios cometidos pelos detentores do poder – no Executivo, Legislativo e não menos no Judiciário fez a população ir às ruas.

O que resultará disto? Não podemos prever.

Mas, assim como no IFSP, precisamos amadurecer enquanto nação. A transição, em geral, é difícil, muitas vezes dolorida, porém necessária. Faz-se imprescindível encontrar novas formas de compartilhar as decisões e responsabilidades; elaborar mecanismos de ajustes ao caminho traçado em prol do bem maior – seja ele qual for, e, respeito, tanto pelos indivíduos e sua história pessoal quanto pela comunidade.

Chegamos ao décimo número comemorando o trajeto percorrido pela **Illuminart**, o momento do IFSP e do Brasil, sabendo que há muito a ser feito, mas com plena convicção de que é possível fazê-lo.

Altamiro Xavier de Souza

Editor Chefe

Docente do IFSP – Campus Sertãozinho
altamirox@gmail.com

EDITORIAL

“Uma coisa é pôr ideias arranjadas, outra é lidar com país de pessoas de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias.”
(Guimarães Rosa).

Podem as palavras compor a verdadeira ordem das revoluções e compreender os movimentos de agitação política que ocorrem no país? Talvez não possam, mas são com palavras e discursos que se constroem um mundo melhor ou pior. Tudo começa, atíça-se ou se incendeia por meio dos signos verbais que se tem à disposição.

A **Revista Iuminart** em sua décima edição olha o mundo por meio das palavras, seu veículo mais forte de transmissão das ideias, das pesquisas e dos ideais que surgem nas salas de aula, no silêncio das pesquisas em uma escrivania, na tentativa de diálogo em busca da democracia política e educacional das organizações escolares do país.

Ao seu modo, a presente edição retrata este momento de agitação e de efervescência das ideias que proliferam em todas as partes mais recônditas do Brasil. Os três primeiros artigos retratam o surgimento e desenvolvimento da educação profissional no país, desde seus primórdios até a constituição dos chamados Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia.

O tema do quarto artigo continua sendo a educação. Muda-se apenas a perspectiva de análise, agora a geografia e o seu campo de aplicação: o município de Sumaré-SP. O quinto artigo também trilha os caminhos educacionais, versando sobre o PROEJA-FIC, que visa analisar os processos de avaliação diagnóstica a fim de melhorar o ensino/aprendizagem desse público aprendiz.

Ao prosseguir na leitura, encontra-se uma reflexão sobre o romance *Tess of the d'Urbervilles*, de Thomas Hardy e o contexto da revolução industrial que afeta os modos de produção na zona rural inglesa. Embora seja um artigo sobre literatura, o olhar sobre a sociedade continua a permear este número da **Iuminart**.

Sai-se da Inglaterra e chega-se a uma das maiores metrópoles do mundo com a análise do romance *O sol se põe em São Paulo*, de Bernardo Carvalho, momento em que questões de identidade e espaço são discutidas por meio da pesquisa apresentada; assim viaja-se do campo para a cidade.

Após tomar este breve fôlego pela literatura, o IFSP volta a ser o centro das investigações novamente. O artigo discute a formação do Instituto Federal de São Paulo pelo viés da CTS – Ciência, Tecnologia e Sociedade – e sua importância para compreender a regulação democrática dentro deste centro educacional.

Na sequência o leitor encontrará uma pesquisa na área de psicodiagnóstico, focando as relações entre mãe e filha, por meio de um estudo qualitativo que busca conhecer os motivos dos desajustamentos geradores de sofrimentos psicológicos.

A educação volta a ser a pauta do próximo artigo. A discussão gira em torno da ampliação do acesso à internet nos ambientes educacionais como forma de alcançar a democratização da informação, que hoje se transformou em um bem precioso.

O leitor do presente número também encontrará um estudo sobre a aplicação do sistema de gestão *Lean Six Sigma*, que tem por objetivo evitar os desperdícios. Desta forma, o artigo mostrará como foi a implantação desse método de produção em uma empresa real, possibilitando avaliar sua eficácia.

A área de química é contemplada com o estudo sobre a aplicação do software *Blender* para o uso no ensino de conceitos químicos; por meio dele o objetivo é facilitar o ensino/aprendizagem dos alunos, substituindo modelos estáticos de reações químicas por representações dinâmicas proporcionadas pelo programa de animação *Blender*.

Além disso, a revista apresenta o artigo de renomados autores da área de Matemática que discute conceitos de ciclos minimais, vértices neutrais e não-neutrais em torneios. Certamente, leitores especializados em estudos matemáticos terão um ótimo material em que basear novas pesquisas e aprofundar seus conhecimentos.

Para terminar, há a resenha sobre o livro *A presença do folhetim na minissérie Incidente em Antares*, um estudo dedicado à adaptação do romance de Érico Veríssimo para uma série televisiva.

Esperamos que este número da **Iuminart** mesmo sendo organizado com palavras arranjadas, sirva de instrumento para pensar este Brasil feito de “pessoas de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias”, melhorando a qualidade de vida delas, por meio dos estudos críticos que aqui se apresentam. Afinal, para que servem os estudos, senão para alterar o país onde vivemos?

Weslei Roberto Cândido
Editor Adjunto
Docente da UEM – Universidade Estadual de Maringá
weslei79@gmail.com

A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DE CAMPO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: “FIOS E DESAFIOS NO ENSINO DA CARTOGRAFIA ESCOLAR”

Alexander da Silva Lima.

RESUMO: O presente trabalho se propõe a analisar criticamente a importância do trabalho de campo no ensino de Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental; tomaremos como exemplo as aulas de campo da Professora Esperança (nome fictício) em um quarto ano, realizadas no Município de Sumaré – SP. A Rede Municipal de Ensino de Sumaré – SP, conta desde 2008 com o Atlas Escolar de Sumaré, um material didático elaborado com a finalidade de promover ‘identidade e pertencimento’ por meio do conhecimento sobre o lugar (Sumaré). Assim, além de entender a importância do trabalho de campo nas aulas de geografia, procuramos entender também os fios e desafios encontrados no ensino de cartografia.

PALAVRAS-CHAVES: Trabalho de campo; Atlas Escolar; Prática Docente; Espaço Geográfico.

THE IMPORTANCE OF FIELDWORK IN EARLY ELEMENTARY EDUCATION SERIES: MEANS AND CHALLENGES IN CARTOGRAPHY TEACHING”

ABSTRACT: This essay aims to critically analyze the importance of fieldwork in Geography teaching in the early grades of elementary school. We will take as an example the fieldwork classes of Teacher Hope (fictitious name) in a fourth grade, held in the city of Sumaré – SP. The Teaching Municipal Department of Sumaré has had the School Atlas of Sumaré since 2008, a teaching material developed with the aim of promoting “identity and belonging” through the knowledge about the place (Sumaré). Thus, in addition to understanding the importance of fieldwork in Geography, we also attempt to understand the means and challenges found in cartography teaching.

KEYWORDS: Fieldwork; School Atlas; Teaching Practice; Geographical Space.

1 INTRODUÇÃO

Para entender o uso do atlas escolar é necessário também entender o “saber” docente obtido através das experiências cotidianas, por meio de uma pesquisa que aconteça e emerja do

cotidiano. Quando buscamos pesquisar sobre as práticas cotidianas sob uma perspectiva do uso do atlas escolar, esta nos revela o entendimento de outras lógicas. Assim, procuramos buscar nos depoimentos e relatos da professora Esperança (nome fictício) as suas práticas espaciais que acabam por se “desenrolar” na sala de aula, porém muitas vezes superando os limites “impostos” pelos muros da escola (trabalhos de campo). Assim, quem fala necessita de alguém que escute, quando a professora Esperança fala os alunos ouvem, construindo laços que geram confiança e ajudam construir uma trama de sentidos, como coloca Lacoste:

É claro que se pode falar de tudo [...] de forma maçante e monótona, mas, frequentemente, o professor é “levado” pela história que ele conta, pois ela é apaixonante e basta que ele tenha talento e que saiba conduzir o “suspense” para manter a respiração presa em seus jovens auditores e isso é, para ele, bastante gratificante. (p. 248, 1984)

Para Certeau (1999) todo relato é uma prática espacial; porém, apesar da importância dos relatos, das histórias, da memória da professora Esperança é necessária a possibilidade de experimentação de atividades que envolvam tempo e espaço, podendo contribuir para o desenvolvimento da criança. Este artigo, que está baseado teórico-metodologicamente na obra “*A invenção do cotidiano*” (1999), de Michel de Certeau, objetiva mostrar que os trabalhos de campo¹ desenvolvidos pela professora Esperança são fortes aliados na busca dessas práticas espaciais de (re) conhecimento e experimentação da realidade cotidiana dos alunos.

Nesta tarefa importante de interpretar e compreender o mundo, o atlas escolar se destaca na função pedagógica, concebendo as noções de ambiente, território, lugar e espaço. Se por um lado as “práticas do espaço” correspondem a uma disciplina ou um “espaço disciplinador”, como atribui Certeau (1999), por outro surgem por vezes alguns procedimentos resistentes permeados de astúcias e teimosia. Dessa maneira, no consumo dos bens culturais e materiais, existem sempre (re)apropriações e (re)significações.

Destacam-se assim a importância da cidade, do bairro, da escola, da rua, da sala de aula; acontecimentos e lugares, que afinam ou desafinam as relações que envolvem a experiência do sujeito com o lugar. Nas séries iniciais do ensino fundamental, a aprendizagem da criança se dá por meio da aquisição e compreensão simbólica do espaço historicamente construído, o que vai além das relações espaciais topológicas.

Apesar dos vários agentes educativos (família, livros, sociedade, etc.) é no professor que buscamos a melhor compreensão sobre a função pedagógica da geografia na manipulação de instrumentos (atlas escolar) auxiliando a criança na apropriação *no* e *do* espaço. Assim, pesquisar

¹ A Professora Esperança realizou dois trabalhos de campo, o primeiro no dia 01/06/2011 ao entorno da escola e o segundo no dia 14/09/2011 na região central de Sumaré – SP.

no/do cotidiano escolar é também entender as marcas de fazer dos professores que vão ‘ajustando’ e reorganizando o cotidiano de suas práticas, no caso da professora Esperança os seus “[...] relatos efetuam [...] um trabalho que, incessantemente, transforma lugares em espaços ou espaços em lugares” (CERTEAU, 1999, p. 203).

Procuramos compreender melhor o cotidiano docente, através das observações dos trabalhos de campo realizados em uma sala do quarto ano do ensino fundamental (Ciclo I), pela professora Esperança. Considerando que o atlas escolar não pode ser concebido com um “*livro de receitas*”, mas um instrumento de representação da realidade – e assim, não sendo a própria realidade –, cabe portanto a esta pesquisa buscar entender a “transposição” entre a representação e a realidade.

A professora Esperança busca esta “transposição” através dos trabalhos de campo, que são divididos em três durante o ano letivo, a saber: um primeiro no bairro ao entorno da escola; o segundo na região central da cidade e o terceiro em outras regionais da cidade. No nosso caso, os trabalhos de campo acompanhados foram o primeiro e o segundo.

Percebemos que este trabalho de campo inicia-se na sala de aula, com um roteiro pré-estabelecido pela professora, contendo as principais ruas e os pontos de parada. Na segunda etapa temos a ida à campo pelos alunos; nesta ocasião eles anotam todas as suas observações pessoais e as informações passadas pela professora; finalizando já em sala de aula, a professora (re) constrói o percurso focando com o apoio dos alunos as principais observações culminado com a criação e a construção das legendas.

2 O ESPAÇO COMO “LUGAR PRATICADO”

Sabemos que ao longo da história da Geografia o espaço geográfico foi interpretado de várias maneiras, e assim, não é nosso interesse retomar tal debate ou ainda “coroar” como mais importante uma visão de espaço geográfico em detrimento a outras. Segue no mesmo caminho, de ter múltiplas interpretações, o conceito de cotidiano nos estudos da prática escolar. Sobre este tipo de pesquisa, André (2009, p. 42) pontua que:

[...] o estudo da prática escolar não pode se restringir a um mero retrato do que se passa no seu cotidiano, mas deve envolver um processo de reconstrução dessa prática, desvelando suas múltiplas dimensões, refazendo seu movimento, apontando suas contradições, recuperando a força viva que nela está presente”

Não partilhamos da ideia de pesquisas ‘do’ cotidiano escolar por acreditar que essas pesquisas acontecem ‘no’ cotidiano escolar, ou ainda, pesquisas ‘sobre’ o cotidiano escolar

(ANDRÉ, 2009). Assim, faz-se necessário reconhecer qual o autor tomaremos como referência para a pesquisa no/do cotidiano.

Na metodologia utilizamos a pesquisa qualitativa participante; em relação à bibliografia houve uma aproximação maior com os escritos de Michel de Certeau por acreditarmos da mesma forma na possibilidade de “travessia” oferecidas pelo relato. *Onde o atlas escolar demarca (fronteiras) os relatos de vida da professora Esperança realizam uma travessia (ponte)*. Ressaltamos alguns valores importantes na construção do pensamento crítico sobre o espaço, valores estes observados no trabalho de campo tais, como: cooperação do grupo envolvido e principalmente o desenvolvimento da sensibilidade e da percepção. No trabalho de campo realizado no dia 14/09/2011, em cada nova “parada” proposta no roteiro elaborado pela própria Professora Esperança, percebemos as explicações (teoria) se misturando com a própria história de vida (prática) da Professora Esperança. Assim, parafraseando Certeau, os relatos da Professora Esperança efetuam um trabalho que, incessantemente, transforma “lugares em espaço” ou “espaços em lugares”.

Em Certeau (1999) espaço é um lugar praticado, essas práticas podem ser encontradas da mesma maneira, na proposta do atlas escolar municipal de Sumaré – SP, “As identidades se dão por vínculos a lugares, acontecimentos, histórias pessoais, formação de grupos..., representam o que é considerado pertencimento”. (ALMEIDA, 2008, p. 10).

Segundo o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa “prática” significa:

Ato ou efeito de praticar; Uso, experiência, exercício; Rotina, hábito; **Saber provindo da experiência**; Técnica; Aplicação da teoria; Discurso rápido; Conversação; conferência; Licença concedida a navegantes para comunicarem com um porto ou uma cidade. (1986, p.1377, *grifo nosso*)

Se o espaço é concebido sob a ótica de Certeau como o lugar praticado; para que a aprendizagem do aluno nas séries iniciais do ensino fundamental crie bases sólidas para a “iniciação cartográfica” é necessário e indispensável que os professores conheçam o espaço praticado do aluno. Destacamos aqui como exemplo um trecho do trabalho de campo realizado pela professora Esperança no dia 01/06/2012².

Professora: [pergunta aos alunos] *Esta rua é movimentada?*

Alunos: *Sim.*

² Percurso realizado ao entorno da escola.

A professora refere-se à Rua Geraldo de Souza, onde se localiza o portão de entrada da escola, ou seja, a rua que os alunos geralmente conhecem nos horários de entrada e saída [horário de aula do período da tarde].

Professora: *[insiste na pergunta] Esta rua é movimentada?*

Alunos: *Sim.*

Professora: *Mas, ela está vazia agora!*

Alunos: *“silêncio”.*

Observamos neste pequeno e simples relato da aula de campo a importância do “lugar” praticado pelos alunos, e que, apesar da rua estar vazia no momento da realização do trabalho de campo, as respostas dos alunos não podem ser consideradas errôneas, mas o ponto de partida para o trabalho do professor.

Quando falamos do ‘lugar praticado’ (neste caso, a Rua Geraldo de Souza), estamos dizendo que ao tomarem posse dos significados expressos pela linguagem, as crianças os aplica a seu universo de conhecimento. Assim:

[...] nos cabe estabelecer que, com o auxílio da linguagem, a criança entende a si mesma de modo diferente do que entende o adulto com o auxílio da mesma linguagem. Isto significa que os atos de pensamento, realizados pela criança por meio da linguagem, não coincidem com as operações produzidas no pensamento do adulto quando ele pronuncia a mesma palavra. (VYGOTSKY, 2010, p.216)

A importância do processo de aprendizagem escolar está em dar novos contornos aos significados que continuam a ser transformados durante todo o desenvolvimento do indivíduo. A Rua Geraldo de Souza é ‘praticada’ pelos alunos nos horários de entrada e saída, quando existe uma grande agitação; alunos, pais, automóveis, ônibus, buzinas, guardas de trânsito etc. Enfim, a concepção do aluno sobre esta rua ser movimentada está correta, pois é como eles a percebem nas suas vivências cotidianas. *Quantas vezes dentro da sala de aula os alunos são considerados “errados” por responderem ou escreverem coisas que não se enquadram na concepção “adulta” de certo e errado?*

3 ENTRE FRONTEIRAS E PONTES: DO ATLAS AO COTIDIANO.

De uma geografia preestabelecida, que se estende (se a gente se limita apenas à casa) desde os quatinhos, tão pequenos “que não se pode fazer nada neles”, até ao legendário celeiro, desaparecido, “que serve para tudo”, os relatos cotidianos contam aquilo que, apesar de tudo, se pode aí fabricar e fazer. *São feitura de espaço.* (CERTEAU, 1999, p. 207, *grifo nosso*).

Nas nossas observações em sala de aula percebemos claramente que a professora Esperança ultrapassa as fronteiras físicas da sala de aula, seus relatos de vida constroem pontes onde seus alunos podem ultrapassar a demarcação do próprio mapa. Utilizamos os termos *fronteiras* e *pontes* por acreditar assim como Certeau (1999) na oposição de dois movimentos que se cruzam, um estabelecendo e o outro ultrapassando limites.

Em todas as aulas observadas da professora Esperança nota-se uma contextualização entre o atlas escolar de Sumaré e sua própria história de vida, como no trabalho de campo realizado no dia 14/09/2012. Em uma das *paradas* a professora Esperança comenta sobre o prédio onde atualmente funciona o Tribunal de Conciliação e Justiça Arbitral da Região Metropolitana de Campinas (Figura 01).

Professora: *Crianças; olhem este prédio, ele é novo ou velho?*

Alunos: *Novo.*

Professora: *Mas vocês notaram que apesar de ser novo a sua arquitetura é a mesma que os prédios mais antigos?*

Professora: *Ele foi demolido, porém era tombado pelo patrimônio público e foi novamente construído da mesma forma que era antes. Ele pertencia ao Sr. Atílio Foffano, um comerciante.*

Alunos: *Nossa! Ele era rico?*

Professora: *Era uma pessoa importante da cidade; meu avô fazia compras nesta mercearia [antes funcionava uma mercearia no prédio], ainda tenho a sua caderneta onde marcava as compras [este tipo de caderneta era muito utilizada no passado, onde as pessoas compravam 'no fiado'], vou trazer para vocês darem uma olhada.*

Alunos: *Nossa que legal [os alunos demonstram uma expressão de entusiasmo].*

Com o mesmo entusiasmo, tornou-se possível imaginar um passado onde a vida era mais simples, sem tantas complicações como nos dias atuais; por detrás de um simples caderno de fiados existia credibilidade, laços construídos a partir da confiança do vendedor na palavra do comprador, que tinha mais valor que um documento. Remetendo ao *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, a palavra fiado nos remete a: “Que tem fé ou confiança. Vendido a crédito” (1986, p. 773). *Em tempos de cartão de crédito e transferências on-line sob policiamento dos comprovantes impressos, a venda à fiado remete a um tempo de confiança que parece não mais existir.*

Da mesma maneira que no passado existia a confiança na palavra do cliente em comprar fiado, percebo que os alunos demonstravam confiança nas palavras da professora Esperança (ou

como definiu tão bem o Novo Dicionário Aurélio, “[...] *tem fé ou confiança*”). Entre as *fronteiras* e as *pontes* notamos a importância dos relatos de vida da professora Esperança; por um instante os alunos também são personagens dos seus relatos, existe um “convite” para que possam entrar no seu mundo, como Certeau (1999, p. 209) enfatiza: “*o relato tem inicialmente uma função de autorização*”. A atenção e o silêncio dos alunos nos momentos de “partilha” que a professora Esperança proporciona somente são quebrados pela poluição sonora da cidade (motores, buzinas, etc.).

Esse “mergulho” da professora Esperança no passado buscando explicações para o presente se aproxima do conceito da paisagem que não é criada de uma única vez. Para Milton Santos (1998), é criada em processos de acréscimos e substituições, que é na realidade um conjunto de objetos que têm idades diferentes, heranças de momentos distintos. Assim, temos a ideia de não permanência; ou seja, a paisagem também sofre mudanças. Segundo Milton Santos (1998) a paisagem é a realidade histórica, associada com o espaço social:

É a sociedade, isto é, o homem, que anima as formas espaciais, atribuindo-lhes um conteúdo, uma vida. Só a vida é passível desse processo infinito que vai do passado ao futuro, só ela tem o poder de tudo transformar. (SANTOS, 1998, p.88)

É possível afirmar que na educação ainda se prioriza “*o que ensinar*” em detrimento sobre “*como ensinar*”. Muitas vezes o modo como o conteúdo é *transmitido* (palavra esta, por si só, que indica uma via única de aprendizado) pode induzir o aluno a uma apropriação errônea da realidade que vive. O atlas escolar somente irá alcançar a sua verdadeira proposta que é a do “*pertencer*” quando o professor conseguir superar as *fronteiras* criando *pontes* que liguem teoria à prática.

Concordamos com Oliveira (2008, p. 23- 24), quando enfatiza que o valor do mapa está naquilo que o professor se propõe a fazer com ele:

[...] a função do mapa depende do uso que o professor quer do mesmo; se o professor não sabe o que quer que o mapa mostre, nenhum mapa se apresenta como bom: todos serão distorções da realidade. O valor do mapa está naquilo que o professor se propõe a fazer com ele.

E continua:

Portanto, o mapa é um instrumento na mão do professor; é um modelo da realidade que ele aplicará e adaptará às diversas situações e necessidades que se apresentem durante as suas aulas, durante as suas relações didáticas com os alunos.

Para Certeau (1999) as narrativas são vistas como relatos assim: “*onde o mapa demarca, o relato faz uma travessia*” (1999, p. 215); se considerarmos que o relato é um ato culturalmente criador torna-se possível afirmar que a professora Esperança vai proporcionando novas possibilidades para esta travessia, criando condições para que os alunos consigam ir além das demarcações do atlas.

A criança relaciona os objetos conforme se desloca e explora o ambiente, vai criando coordenadas espaciais; este é o grande desafio, uma vez que o espaço é algo contínuo, a noção que a criança tem sobre os objetos e as relações entre eles são construídas ao longo do seu desenvolvimento.

A importância do atlas escolar neste contexto está naquilo que a professora Esperança se propõe a fazer com ele, e a apropriação do conteúdo pela criança esta intimamente ligada à maneira como a professora irá apresentá-lo. Desta forma, o conteúdo tem significados que não são vazios.

O conteúdo se transforma na forma. Ou seja, se a forma também é conteúdo no contexto escolar, a apresentação do conhecimento em formas diferentes lhe dá significações diferentes e o altera como tal. [...] além, disso, tem consequências para o grau de apropriação possível do conhecimento para os sujeitos. (EDWARDS, 2003, p. 69)

A importância dos relatos da professora Esperança em relação à concepção de Certeau (1999) em “A invenção do cotidiano”, se aproximam pelo fato de que um mapa pode até demarcar, pode estar definido, mas o percurso é sempre uma incógnita e depende das ocasiões de cada instante. Tanto em Certeau como nas aulas da professora Esperança, as novas espacialidades são formadas a cada instante, a cada nova aula ou a cada novo passo.

A construção didática da professora Esperança ultrapassa a “fronteira” do atlas, não é só um desenho, é agora uma representação do real, assim: “[...] *‘muda’ a fronteira em ponto de passagem, e o rio em ponte*” (CERTEAU, 1999, p. 214).

Buscamos no cotidiano o entendimento do uso do atlas escolar, através do que Certeau denomina como “artes de fazer”, a saber: táticas de resistência que vão alterando os objetos e os códigos, e estabelecendo uma (re-)apropriação do espaço e do uso ao jeito de cada um. Neste caso, destacamos o termo “(re-)apropriação” que remete ao “não lugar” como “espaço de fuga”, o “fazer diferente e fora dos padrões convencionais”.

Concordamos com Certeau em relação ao espaço ser um local “praticado”, e assim:

Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência [...] Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade. Existe espaço sempre que se

tomam em conta vetores de direção, quantidade de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. (CERTEAU, 1999, p. 201- 202)

É algo como afirmar: “o lugar ‘ocupado’ é o lugar ‘transformado’ passando à condição de lugar ‘praticado’”, e “de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram” (CERTEAU, 1999, p. 202). Os trabalhos de campo realizados pela professora Esperança proporcionam a construção de identidades pelos alunos que são “convidados” a praticar e experimentar o lugar público; assim, *a rua geometricamente definida torna-se espaço pelo caminhar dos alunos.*

Em cada ponto de *parada* definido pela professora Esperança no trajeto do trabalho de campo existe o relato, uma espécie de *bricolagem*, fragmentos e lembranças, colados e justapostos com o intuito de produzir sentido a estes locais, como podemos perceber em outro fragmento do trabalho de campo realizado no dia 14/09/2011:

Professora: Olhem este [...] prédio (Figura 02)... era a subprefeitura, sabem o que é isso?

Alunos: Não.

Professora: Antes Sumaré era distrito de Campinas, portanto não tínhamos ainda um prefeito, então aqui era a subprefeitura.

Leandro: Professora, é para anotar a data?

[O aluno Leandro consegue perceber detalhes, como a data de construção dos prédios mais antigos que aparecem na entrada do prédio próximo a bandeira do Brasil]

Professora: Sim, pessoal. Prestem atenção no que o Leandro falou, antes os prédios traziam a data que foram construídos; neste caso é de 1913, podem anotar, está na entrada atrás das bandeiras.

Professora: [continua a explicação] Depois da emancipação funcionou aqui a câmara de vereadores, depois um pronto socorro.

A professora Esperança relata uma passagem da sua infância, comentando que veio até este prédio quando ainda funcionava o pronto-socorro e que viu uma pessoa ferida e que nunca mais se esqueceu deste fato. Interessante como a professora cria relações de fatos reais, unindo passado e presente, fatos justapostos, pedaços de histórias que são remendadas e coladas, uma *bricolagem* que ajuda na criação de sentidos dos locais visitados. Dificilmente as crianças se esquecerão das funções que este prédio desempenhou durante o tempo, pois os relatos da professora Esperança criam pontes que aproximam e dão sentidos para as crianças. Percebemos

em Lacoste (1984, p. 248) essa preocupação da geografia em dar sentido ao discurso, uma vez que:

O discurso geográfico evoca, na maioria das vezes, permanências ou fenômenos que evoluem sobre tempos relativamente longos ou muito longos; só raramente se trata de mecanismos ou acontecimentos. Nas descrições ou explicações geográficas não há qualquer “suspense” para manter o interesse dos alunos e é preciso muito talento e competência para que um tal discurso não acarrete aborrecimento.

Os relatos proporcionam a ideia de algo que não existe mais – neste caso das funções desempenhadas pelo prédio, e as trazem para a realidade próxima do aluno, entre o que existe e o que é resíduo histórico na paisagem, já que:

[...] a combinação de elementos dos campos visuais presente e passado num único campo de atuação leva à reconstrução básica de uma outra função fundamental: a memória, que, além de tornar disponíveis fragmentos do passado, transforma-se em um novo método de unir elementos da experiência passada com a presente. (ALMEIDA, 2006, p. 20- 21)

Michel de Certeau compara o espaço à palavra e o lugar à enunciação; assim no momento que a professora Esperança compartilha suas lembranças de infância com seus alunos, suas palavras são atualizadas. Da mesma forma, as ruas são constantemente atualizadas e transformadas pelos transeuntes.

Os relatos da Professora Esperança misturam passado e presente, e no futuro quando for ‘exigido’ da criança o agrupamento de informações passadas e presentes é através da memória que a criança irá chegar ao resultado. Em relação a esse campo temporal necessário para a ação, Almeida (2006, p. 21) enfatiza:

O campo temporal para a ação, então, estende-se para frente e para trás, e a atividade futura é representada por signos. Estes criam as condições para o desenvolvimento de um sistema único que inclui elementos efetivos do passado, presente e futuro.

Pesquisar no/do cotidiano escolar nos permite ‘captar’ essas “*artes de fazer*” da professora Esperança; esse caminho de investigação constitui-se num objeto de reflexão para entendermos como os professores se ‘ajustam’ diante de uma nova ferramenta de apoio escolar [atlas municipal]. Essas invenções, como reconhece Certeau, são as formas dos professores reorganizarem o cotidiano de suas práticas.

4 A QUESTÃO DA IDENTIDADE EM SUMARÉ

Como as pessoas utilizam o sistema de representação e do espaço, seja ele da sua escola, do seu bairro ou da sua cidade, tem relações muito próximas com as suas práticas cotidianas, ou seja, representam a maneira como nos apropriamos do espaço. Segundo Certeau (1996, p. 45), é dentro de um determinado ‘espaço’ que pode ser um bairro, que se configuram e ‘brotam’ as condições favoráveis para as relações cotidianas de reconhecimento:

O bairro é, por conseguinte, no sentido forte do termo, um objeto de consumo do qual se apropria o usuário no modo da privatização do espaço público. Aí se acham reunidas todas as condições para favorecer esse exercício: conhecimento dos lugares, trajetos cotidianos, relações de vizinhança (política), relações com os comerciantes (economia), sentimentos difusos de estar no próprio território (etologia), tudo isso como indícios cuja acumulação e combinação produzem, e mais tarde organizam o dispositivo social e cultural segundo o qual o espaço urbano se torna não somente o objeto de conhecimento, mas o lugar de um reconhecimento.

Dessa maneira, indagamos se Sumaré é apenas um lugar de conhecimento, ainda que os seus moradores não se sintam pertencentes a ele, ou já podemos classificá-lo como um lugar de *reconhecimento*, onde a maioria compactua o conhecimento do lugar, o trajeto e o seu cotidiano.

Para compreendermos melhor a questão do pertencimento na cidade de Sumaré, recorremos ao livro *“Migração em Sumaré: O tempo e o espaço do migrante”* (2009), de Francisco Antonio de Toledo, carinhosamente chamado de Professor “Chico”. Além de escritor, o querido Professor Chico também foi por um longo tempo professor de História na rede de ensino de Sumaré; conhecê-lo pessoalmente, foi muito esclarecedor no sentido de “nortear” as questões relacionadas aos sentimentos de “pertencimento” à cidade. Em entrevista com o Professor Chico no dia 20 de agosto de 2012, ele afirmou que *“Sumaré ainda está buscando a sua identidade”*.

Entendemos que o agrupamento dos vários fatores isolados explica a questão do pertencimento em Sumaré; ou seja, a questão da migração impulsionando o rápido crescimento urbano, a infraestrutura insuficiente, a especulação imobiliária, o encontro do migrante com uma nova ‘cultura’, o crescimento urbano desordenado criando vazios urbanos etc. Diante de tal realidade, a figura do educador se torna ainda mais importante, visto que entender a criança que frequenta a(s) escola(s) é também entender suas raízes; mesmo se já nascidas em Sumaré “filhos da terra” seus pais ou avós são provavelmente migrantes e, portanto, trazem marcas que devem ser compreendidas.

O próprio Professor Chico, ao prefaciar seu livro anteriormente citado, comenta a importância de entendermos melhor esta “construção” da cultura local:

As mudanças ocorridas com o advento dos migrantes, envolvidos no processo de industrialização da região, caracterizam uma nova cidade, totalmente diferente, irreconhecível e incompreensível para o espectador que não acompanhou sua trajetória. (TOLEDO, 2009)

Quando o Professor Chico comenta que: *“Sumaré ainda está buscando a sua identidade”* nos aproximamos de Stuart Hall (2006, p.39), que reconhece que *“em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento”*. Para reforçar seu argumento, Hall (2006, p.48) complementa: *“as identidades [...] não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação”*.

Dentro da sala de aula todas as identidades se encontram, se misturam, se atraem, conquistam, e principalmente nos ensinam em noções de respeito à diversidade que se aprende o que realmente significa “pertencer”. O exemplo dessas “múltiplas identidades” pode ser percebido na sala de aula da Professora Esperança, que conta com: vinte alunos da Regional Centro, cinco da Regional Nova Veneza, dois da Regional Picerno e três da Regional Área Cura³.

A partir do momento que a Professora Esperança “transforma” o saber em *prática*, como nos trabalhos de campo e nas suas narrativas de vida, remete os alunos ao passado, porém criando uma ponte com o presente. Podemos dizer que a professora está construindo “sentidos”, e que sem os mesmos uma nação, uma cidade ou mesmo um bairro não constroem identidade. Se trocarmos a palavra *nação* por *cidade* encontraremos novamente nas palavras de Hall o sentido de identidade que procuramos, pois *“esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagem que dela são construídas”* (2006, p. 51, grifo nosso).

Este breve exame sobre o que é identidade e, se realmente Sumaré passa por uma crise de identidade, nos demonstra que a cultura local, seja ela “original” no sentido de não ser copiada de outros lugares, ou “enriquecida” pelos migrantes, é que se torna o ponto de convergência entre os vários *“pertencimentos”*; se os migrantes ainda não reconhecem Sumaré como um local de pertencimento é através do tempo, como apontou o Professor Chico, que estes retalhos irão ser costurados, formando uma imensa colcha, constituída por vários panos, de várias cores e texturas, porém pertencentes a uma única identidade: Sumaré.

Assim, nos ensina Hall (2006, p.65), que *“quando vamos discutir se as identidades [...] estão sendo deslocadas, devemos ter em mente a forma pela qual as culturas [...] contribuem para “costurar” as diferenças numa única identidade”*. E, ao contrário do que se pensa a “construção” do que chamamos aqui de identidade, geralmente não se processa em um ambiente repleto de

³ Atualmente, a administração pública adota uma divisão do território em seis Administrações Regionais: Regional do Centro, Nova Veneza, Matão, Área Cura, Maria Antonia e Picerno.

estabilidade e calma, no caso de Sumaré este cenário sempre foi repleto de lutas e resistência. Na construção do “pertencimento”, Hall (2006, p. 85) aponta que “o fortalecimento de identidades locais pode ser visto na forte reação defensiva daqueles membros dos grupos [...] dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas”.

Todavia, a reação não surge apenas do grupo dominante, e no caso de Sumaré é marcante a organização e a resistência do grupo mais ‘fraco’, os migrantes.

A luta difícil nem sempre deixou o recém-chegado tomar consciência dos seus direitos e do nível de desumanidade a que era submetido. Só nos anos 80, quando a população de Sumaré passava de 100 mil habitantes e o número de migrantes estava por volta de 90 mil, e quando acontece no país a crise econômica da “década perdida”, essa multidão acorda, se organiza e protesta. (TOLEDO, 2009, p.38)

Segundo Marx (*apud* HALL, 2006, p. 34) os “homens [...] fazem a história, mas apenas sob as condições que lhes são dadas”; Sumaré está construindo a sua história, os migrantes que são a maioria na cidade, tem fortes vínculos com seus lugares de origem, porém negociando com a nova cultura. A identidade de uma cidade surge quando um grupo começa a ‘lutar’ pelos seus direitos reivindicando uma cidade para todos; essa busca pela identidade pode ser simbolizada principalmente a partir de 1983 com a nomeação do primeiro vereador operário migrante da cidade de Sumaré, chamado Cícero Teixeira de Freitas (TOLEDO, 2009). Mas, torna-se possível apontar que, em vez de uma identificação única e excludente, existem várias identificações; e que em vez de “sumareense foi...”, ou “sumareense é...”, pensamos em “sumareenses foram, são e podem vir a ser...” (ALMEIDA; CABRINI; COLÇALVES, 2008, p. 10).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Afinal, os trabalhos de campo realizados pela Professora Esperança, conseguem aproximar o atlas escolar do espaço real do aluno? Nesta faixa etária (7 a 11 anos), as noções espaciais, projetivas e euclidianas ainda estão em construção (ALMEIDA E PASSINI, 2006), portanto ainda é difícil a criança realizar uma correspondência do espaço real (concreto, vivido e experimentado) com as simbologias exigidas para as representações gráficas (abstração). Nas relações topológicas o referencial para a localização é o próprio corpo da criança, ou seja, “[...] os referenciais são estabelecidos pela projeção dos eixos do esquema corporal, os objetos não podem ser situados em conjunto, mas **uns em relação aos outros**” (ALMEIDA, 2006, p. 55, grifo do autor).

Em relação ao trabalho de campo e o uso do mapa, a professora Esperança possibilita ao aluno alcançar uma (re) organização e configuração do espaço; essas “estruturas mais

complexas” que serão adquiridas irão ajudar futuramente na compreensão das coordenadas geográficas. O que denominamos de estruturas mais complexas seriam na realidade a construção de noções de proporcionalidade, horizontalidade e verticalidade; de posse dessas novas aquisições os alunos poderão interpretar mapas projetivos e euclidianos. Pois,

estas são aquisições complexas, que vão se formando em diferentes situações por meio de relações entre o que o aluno já sabe e novas informações, observações etc., até que se forme uma **rede conceitual**, sobre localização e orientação espacial. (ALMEIDA, 2006, p. 57. Grifo do autor)

A forma que a Professora Esperança encontrou para que a vida não parasse na porta da sala de aula foi de *“trazer a vida para a sala de aula”* e *“levar a sala de aula para a vida”*. Participamos de dois trabalhos de campos que demonstraram que esta ferramenta (trabalho de campo) pode ajudar muito na aproximação do material didático (atlas escolar) com o espaço (lugar praticado). Entendemos que o espaço realiza-se enquanto vivenciado, ou seja, o lugar se torna espaço quando é praticado pelo indivíduo, através do movimento e das várias dinâmicas realizadas nas suas (re-) significações. Somente com essas práticas poderemos alcançar a verdadeira essência do Atlas Escolar que é a de deslocar-se para uma instância mais abrangente: a cultura (ALMEIDA, 2008).

Se considerarmos, por exemplo, que a cartografia tem como principal finalidade entender o mundo, cabe principalmente ao educador a tarefa da alfabetização cartográfica, visando o desenvolvimento de estruturas que ofereçam condições necessárias não apenas ao uso escolar do mapa, mais principalmente no seu uso cotidiano.

A importância dos trabalhos de campo da professora Esperança está em compreender que os alunos das séries iniciais do ensino fundamental já sabem muito sobre os seus lugares de convivências diárias (identidades); sabem fazer “mapeamentos” dos lugares que conhecem, porém ainda não dominam a linguagem cartográfica (fronteira). A aproximação entre a obra de Certeau, o atlas escolar e a prática docente da professora esperança está em discutir a identidade, o reconhecimento e a apropriação do lugar. Como as pessoas utilizam o sistema de representação e do espaço, seja ele da sua escola, do seu bairro, da sua cidade tem relações muito próximas com suas práticas cotidianas, ou seja, representam a maneira como nos apropriamos do espaço.

O atlas é um meio e nunca o fim para esta apropriação. A forma como o professor irá utilizá-lo pode transformá-lo em uma ponte, que aproxima o seu sistema de signos com o real do aluno, ou o contrário também, servindo como uma fronteira quase intransponível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALMEIDA, Rosângela D. **Do desenho ao mapa: Iniciação cartográfica na escola**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- ALMEIDA, Rosângela D; PASSINI, Elza Y. **Espaço geográfico, ensino e representação**. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- ALMEIDA, Rosângela D. Uma proposta metodológica para a compreensão de mapas geográficos. In: ALMEIDA, Rosângela D. (org). **Cartografia escolar**. São Paulo: Contexto, 2008.
- ALMEIDA, Rosângela D; CABRINI, Conceição; GONÇALVES, Amanda R. Caminhos de um trabalho Colaborativo. In: ALMEIDA, Rosângela D; CABRINI, Conceição. (orgs). **Sumaré na sala de aula: pesquisa colaborativa e experiências de ensino**. Sumaré, SP: Prefeitura Municipal/ Secretaria Municipal de Educação, 2008.
- ANDRÉ, Marli Eliza D.A. **Etnografia da Prática Escolar**. 16. ed. Campinas, SP: Papirus, 2009.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano: 1 artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- EDWARDS, Verônica. **Os sujeitos no universo escolar**. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- FERREIRA, Aurélio Buarque H. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.
- HALL, Stuart. **A identidade na pós- modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LACOSTE, Yves. **A geografia serve antes de mais nada para fazer a guerra**. São Paulo: Papirus, 1984.
- OLIVEIRA, Livia. Estudo metodológico e cognitivo do mapa. In: ALMEIDA, Rosângela D. (Org). **Cartografia escolar**. São Paulo: Contexto, 2008.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- TOLEDO, Francisco A. **Migração em Sumaré: o tempo do migrante**. Guararema, SP: Anadarco Editora, 2009.
- VYGOTSKY, Lev S. **A construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.